

EDUCAÇÃO, NOVAS MÍDIAS E ZONAS INTERSTICIAIS: POSSIBILIDADES DE TRANSVER O MUNDO ATRAVÉS DO COTIDIANO ESCOLAR

LEANDRO PETARNELLA (UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO), ELIETE JUSSARA NOGUEIRA (UNIVERSIDADE DE SOROCABA), MARIA LUCIA DE AMORIM SOARES (UNIVERSIDADE DE SOROCABA).

Resumo

Partindo do olhar sobre a evolução das mídias e sua íntima relação com as metamorfoses sociais, este trabalho tem por objetivo rever as formas nas quais se estabelecem a simbiose entre as novas mídias, a sociedade e a educação formal no cotidiano escolar. Para tanto, lembra como a convergência das mídias e das tecnologias a partir dos anos 50 e 60, gestou uma cultura midiática através da hibridização de ambos em dados digitais. Transvendo o pensar, desvela como a respectiva convergência em dados digitais faz das mídias não mais a tecnologia responsável pela distribuição e exposição do objeto, mas sim a cavidade onde se alicerçam as relações sociais. Delineado pelo conceito de rizoma, trabalhado por Deleuze & Guatari, pelo conceito de dromocracia cibercultural, explorado por Trivinho e o conceito de zonas intersticiais esboçado por Santaella, discorre sobre as formas pelas quais os meios tecnológicos constituem a sociedade contemporânea. Revela, também, como as céleres transformações tecnológicas se traduzem numa dromocracia cibercultural – a exclusão pelo não acompanhamento da evolução tecnológica. Os conceitos dos referenciais acima elencados criam o arcabouço vital para a conclusão deste trabalho: a inscrição das novas mídias no cotidiano escolar se traduz em uma competência pedagógica e é a partir desta competência que os alunos desenvolverão a capacidade de transver o mundo e suas relações sociais. Ainda: é o desenvolvimento de práticas sociais críticas e reflexivas, por parte dos sujeitos da educação formal, o grande desafio da educação hodierna, uma vez que a inscrição das novas mídias em outros espaços sociais já são incorporadas e atualizadas nas céleres mutações sociais.

Palavras-chave:

Educação, Novas mídias, Zonas intersticiais.

Introdução

A utilização de novas tecnologias de comunicação e informação na educação não é um tema recente. Todavia, ver a forma como emergem e os conflitos que provocam no cotidiano escolar, proporcionam ao tema não só sua relevância acadêmica, fazendo-o sempre tão atual quanto necessário seu estudo.

Vários pesquisadores, de maneira contundente, ressaltam a necessidade da utilização das novas tecnologias enquanto processos que podem levar os alunos a desenvolverem capacidades críticas e reflexivas sobre os meios que os circundam. Assim, a questão que se enuncia está relacionada às formas nas quais pode ser desenvolvido o respectivo pensar crítico. Explico: como as tecnologias são complexas e práticas ao mesmo tempo, sempre estão a exigir uma nova formação de homem que tenha a capacidade de transver o seu meio social e se metamorfosear junto às céleres transformações que as novas tecnologias impõem como ritmo de vida. Porém, a escola é um espaço que mesmo sofrendo a influência direta das novas tecnologias, está pautada em padrões de uma racionalidade cujo objetivo se organiza entorno do disciplinamento, da sistematização linear, dos conteúdos aplicados, do aprender a aprender, do aprender a ser, do aprender a

conviver e do aprender a fazer. Em outras palavras: a escola desenvolve uma dinâmica especializada na formação de "corpos dóceis" (FOUCAULT, 2001) enquanto as tecnologias exigem dos sujeitos o controle, a complexificação do pensamento, a experimentação da crítica e o desenvolvimento de uma *práxis* que se desenvolva em "rizomas" (DELEUZE & GUATARI, 1997).

Partindo, então, do pensar sobre as formas como as novas mídias são incorporadas pelo e no cotidiano escolar é que emerge o presente trabalho.

O olho vê: A evolução das mídias e a metamorfose cultural

A evolução das mídias não veio acompanhada de uma teoria estética unificada. Ao contrário, os efeitos cumulativos das diversas mídias na sociedade transformaram muitas de nossas proposições sobre as relações que são estabelecidas entre a comunicação, a tecnologia, a distribuição das respectivas mídias e sua temporalidade.

Apesar de estar intimamente ligada às dimensões dos fenômenos sociais que as circunscrevem, a evolução das mídias não se explica pelas relações que, com ela, são estabelecidas. O objetivo de seu estudo está condicionado aos objetos e aos paradigmas culturais capacitados por todas as formas de apresentação e pela mutação que esta engendra na sociedade. Por consequência, percebemos como as mídias se incorporam e sobrepõem umas às outras, constituindo novas mídias no mesmo tempo no qual se firmam em sua especificidade unívoca, o que nos permite entender as novas mídias como "objetos culturais que usam tecnologia para distribuição e exposição" (MANOVICH, 2005:27).

Como objetos culturais, podemos relacionar a evolução das mídias à evolução das formas pelas quais elas são expostas e distribuídas na sociedade. O giz, o jornal, o impresso, a televisão, o cd-rom, o computador, o celular, a internet, entre outros, podem ser considerados mídias. Logo, seu destaque na metamorfose cultural se dá pelas formas nas quais elas se reproduzem em um dado momento histórico.

Nos últimos dois séculos, a hibridização dos meios comunicacionais e a expansão da disponibilização de informações, fomentaram a mistura das diversas mídias existentes até então. Dessa forma, fotografias, filmes, rádios, entre outras formas de disponibilização de informações, popularizou a multiplicidade e a diversificação das (re) produções sociais no cenário contemporâneo. As misturas entre as diversas mídias alicerçaram não só as reproduções do objeto, mas também das relações que se estabeleciam entorno e por meio dos produtos midiáticos constituindo-se, dessa forma, em uma cultura gestada pelas mídias e, na atualidade, pela transmídia.[1]

A cultura das mídias se constitui pelas misturas bastante intrincadas entre a comunicação e a industrialização das mesmas. Nos anos 50 e 60, dada a consolidação da cultura das mídias como meio e não mais como objeto, a utopia é substituída pela distopia. Em outras palavras: o crescimento das indústrias de comunicação em massa e a industrialização da disponibilização dos acontecimentos sociais constituem o que Debord (1967) chamaria de sociedade do espetáculo. É esta sociedade que nas últimas décadas, com o advento do computador e as experiências articuladas entre as tecnologias e as mídias, passou por céleres transformações na ordem social que são difíceis de avaliar. A fusão da tecnologia e

das mídias, bem como a estruturação em 0 e 1 do hibridismo provocado pela convergência das artes, do texto e das imagens numa realidade virtual permitiu não só a alteração, mas também, a manipulação e a criação de múltiplas versões do mesmo objeto. Assim, a convergência entre as mídias e a tecnologia estrutura em dados e algoritmos não só os objetos, mas também as formas pelas quais esses são expostos e distribuídos.

Os reflexos da metamorfose social provocada pela convergência das mídias e da tecnologia são clarificados pelos estudos de Santaella (2007) quando separa em 05 gerações tecnológicas o processo evolutivo da sociedade sob o viés do surgimento das mídias. De acordo com a autora, a primeira geração é a do reprodutível. Marcada pela inscrição dos jornais, da foto e do cinema no cotidiano dos sujeitos, tornou possível estar a mesma informação em diversos espaços ao mesmo tempo. Já a segunda geração, a das tecnologias de difusão, é marcada pelas mídias de comunicação em massa como o rádio e a televisão. As tecnologias do disponível balizam a terceira geração. Nessa, são os aparelhos de comunicação de massa móveis como o *walkman*, as transmissões via satélite ou via cabo que se transformam no *modus operandi* da sociedade.

Ainda, segundo a autora, a quarta geração tecnológica é provocada pelas tecnologias do acesso. Com o computador, a internet e a manipulação dos *bits* na velocidade dos cliques, esta geração também pode ser delineada como a geração das tecnologias digitais.

Dada as tecnologias da conexão contínua "constituída por uma rede móvel de pessoas e tecnologias nômades que operam em espaços físicos e não contíguos" (SANTAELLA, 2007:200), a geração das tecnologias digitais cria a cavidade onde se alicerça a quinta e atual geração: a das zonas intersticiais.

As zonas intersticiais são definidas, nas palavras da autora, como

[...] um espaço conceitual gerado na fusão das bordas entre espaços físicos e digitais. É, portanto, criado pela conexão de mobilidade e comunicação, e materializado por redes sociais desenvolvidas simultaneamente em espaços físicos e digitais. São, acima de tudo, espaços móveis, isto é, espaços sociais conectados que são definidos pelo uso de interfaces portáteis como os nós da rede. (idem:225)

Povoada por mídias que incorporam linguagens, sons, vídeos, imagens, escrita, as zonas intersticiais se configuram como e na sociedade, uma vez que sua incorporeidade fluidica é constituída e, ao mesmo tempo, constituinte das relações sociais. Assim, ao refletir sobre a escola que, na atualidade, encontra-se inserida numa sociedade que pode ser considerada como puro interstício é que buscamos, a seguir, rever a relação mídia, sociedade e cotidiano escolar.

A lembrança revê: mídia, sociedade e cotidiano escolar

A mídia, como já explicitado, pode ser entendida como tecnologia de disponibilização e distribuição de determinados objetos. Enquanto tecnologia, a mídia é, também, reprodução da técnica desenvolvida em determinados tempos históricos e no seu surgimento, é sempre nova. Logo, utilizo o termo novas mídias para fazer referência àquelas que estão no cerne do debate contemporâneo: as que marcaram a hodiernidade como o período da instrumentalização da técnica e do domínio da respectiva instrumentalização sobre o homem.

Apanhando o pensar de Santaella (2007), as redes sociais contemporâneas são desenvolvidas em espaços físicos digitais que possuem, como relevante característica, a mobilidade de seus espaços e interfaces. Compartilhando das reflexões da autora, ampliamos o proposto com Deleuze e Guatari (1997), quando nos diz que a sociedade contemporânea é estruturada em rizomas:

Diferentemente das árvores ou de suas raízes, o rizoma conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer. [...] Ele não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes de direções movediças. Ele não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda. [...] Oposto a uma estrutura, que se define por um conjunto de pontos e posições, por correlações binárias entre estes pontos e relações biunívocas entre estas posições, o rizoma é feito somente de linhas: linhas de segmentaridade, de estratificação, como dimensões [...]. O rizoma "procede por variação, expansão, conquista, captura, picada [...]; se refere a um mapa que deve ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga (1997: 32-33).

É nessa estrutura em rede que a escola, enquanto espaço formal de desenvolvimento da prática social, se vê envolvida no desafio de conviver, adequando-se ou não, às metamorfoses que as novas mídias promovem na ordem social. Isso ocorre porque

Quanto mais atenção humana e esforço de aprendizado forem absorvidos pela variedade virtual de proximidade, menos tempo se dedicará à aquisição e ao exercício das habilidades que o outro tipo de proximidade, não-virtual, exige. Essas habilidades caem em desuso, são esquecidas, nem chegam a ser aprendidas, são evitadas ou a elas se recorre, se isso chega acontecer, com relutância. Seu desenvolvimento, se requerido, pode apresentar um desafio incômodo, talvez até insuperável. (BAUMAN, 2001:84).

Considerando a educação uma prática social que se realiza em um tempo histórico determinado, com características ideológicas específicas voltadas para a subjetividade onde, através dela, emergem as potencialidades dos indivíduos que participam do processo educacional (GRISPUN, 2001), vê-se, na atualidade, a sociedade sendo alicerçada pelas novas mídias. Por consequência, buscar o entendimento da ação das respectivas mídias no cotidiano escolar se torna condição *sine qua non* para o desenvolvimento das potencialidades de alunos e

professores. O destaque desse aspecto é importante para a compreensão dos sinuosos caminhos percorridos pela incorporação das novas tecnologias nas práticas educativas, já que, dessa forma, a estruturação de objetivos, metodologias e conteúdos apropriados se apresentam como possibilidade de um novo conjunto de ação pedagógica.

Através do exposto é possível identificar a contradição existente no sistema educacional, já que estando a escola estática diante da contínua transição que perpassa a sociedade, as novas gerações de alunos deixam a escola sem qualquer preparação para realizar, de forma reflexiva e crítica, as atividades às quais dedicam um maior número de horas na vida: relacionarem-se com as novas mídias.

Outra característica de extrema relevância sobre a influência das novas mídias na contemporaneidade é levantada por Trivinho (2007) ao discorrer sobre o conceito de dromocracia cibercultural. Para o autor, o não acompanhamento das mutações tecnológicas se traduzem na condição contemporânea de exclusão social. Isto porque, há uma distinção entre os aparatos tecnológicos e a própria tecnologia: o primeiro se constitui como a gênese da consolidação das redes e das relações sociais enquanto o segundo se constitui como o meio, ou seja, a matriz da própria relação, a responsável pela formação da cultura do meio tecnológico fomentando a ruptura das outras de cultura já conhecidas e aceitas.

Voltando o olhar para a evolução das mídias e revendo a relação que, hoje, se estabelece entre mídia e educação é que identificamos o surgimento de uma nova geração de alunos cuja capacidade de desenvolver suas potencialidades está ligada a habilidade de incorporar e manipular as novas mídias.

Vim Veen e Ben Vrakking (2009) conceitua essa nova geração como a dos *Homo Zappiens*, onde as crianças "consideram a escola como um lugar de encontro com os amigos, mais do que um ambiente de aprendizagem. (p. 47). Isso ocorre porque a capacidade de direcionar a atenção, ao mesmo tempo, às múltiplas mídias contrasta com a contemplação sobre um determinado assunto e/ou conteúdo exigido pela escola. Essa nova geração de alunos também é conceituada por Petarnella (2009:83) como a geração dos Cabeças Digitais onde "os alunos pensam digitalmente e têm como capacidade a imersão nos dados que são disponibilizados a todo instante no convívio social". Logo, a não incorporação das novas mídias no cotidiano escolar, nos permite inferir que a escola se configura em um *lócus* não dromocrático, tendo em vista a inserção dos Cabeças Digitais em seus espaços.

A imaginação transvê: conclusão

Toda técnica resulta de uma elaboração interligada por permanentes ações e reflexões, envolvendo outros conhecimentos e técnicas precedentes. O encadeamento sucessivo encontrado na inovação tecnológica revela um elo fundamental entre a elaboração de conhecimentos e a produção de novas tecnologias. Entretanto, ao voltar o olhar para o cotidiano escolar, as referidas tecnologias transformam-se em ferramentas reprodutoras de velhas práticas pedagógicas fazendo com que a escola permaneça estática numa sociedade em permanente transição. Isto implica em dizer que, as novas tecnologias como ferramentas extensivas do giz e da lousa deixam a escola numa condição

anacrônica, quando refletimos sobre a prática docente, diante de uma sociedade marcada pela fluidez informacional.

É neste contexto que emerge "a exigência da prática de rupturas. Há necessidade do avesso, do avesso. Viver em estado de bumerangue" (SOARES, 2001:25). "Pensar a vida cotidiana de uma forma não cotidiana" (p. 131). Isto implica em dizer que, parafraseando Manoel de Barros, é preciso transver a escola. Desformar seu universo, tirar de seu cotidiano a cotidianeidade que a forma enquanto espaço de transferência de aprendizagem. Isto porque, conforme nos lembra Petarnella (2009) "está em curso a emergência de um novo sujeito, de um novo lugar, de novas demandas, ainda de natureza difusa, incorpórea e sem contornos definidos" (p. 92), porque "as cabeças digitais, dilatam, exigem e incitam a incorporação, na escola, da cultura implicada nas tecnologias" (id.). Logo, a escola deve ser o local de se desformar o mundo, criando possibilidades de se fazer cavalo verde, ou usar um *I-phone*, por exemplo, como exercício de uma ação criativa e criadora.

Referências:

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1967.

DELEUZE, Gilles. & GUATTARI, F. Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia. São Paulo: 34, 1997.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

GRISPUN, Mirian P. S. Educação Tecnológica. In: GRISPUN, Mirian, P. S. Educação Tecnológica: desafios e perspectivas. São Paulo: Cortez, 2001.

MANOVICH, Lev. Novas mídias como tecnologia e idéia: dez definições. In:

LEÃO, Lucia. (org.). O chip e o caleidoscópio: reflexões sobre as novas mídias. São Paulo: Editora SENAC, 2005.

MANOEL, Barros. As lições de R.Q. In: Livro Sobre Nada. Rio de Janeiro: Record, 2000.

PETARNELLA, Leandro. Escola Analógica Cabeças Digitais: O cotidiano Escolar frente as Tecnologias Midiáticas e Digitais de Informação e Comunicação. Campinas: Átomo e Alinea, 2009.

SANTAELLA, Lucia. Linguagens líquidas na era da mobilidade. São Paulo: Paulus, 2007.

SOARES, María Lucia de Amorim. Comunicación local: da pesquisa á produccion. Anais do Congresso Internacional Lusocom. Santiago de Compostela, 2006, ps. 2204-2215.

_____. Girassóis ou Heliantos: Maneiras Criadoras de Conhecer o Geográfico. Sorocaba: Paratodos, 2001.

TRIVINHO, Eugênio. A dromocracia cibercultural. São Paulo, Paulus, 2007.

VEEN, Wim, WRAKING, Benn. Homo Zappiens: educando na era digital. Porto Alegre: Artmed, 2009.

[1] O conceito de transmídia é delineado por Henry Jenkins como referência às transformações culturais que ocorrem na sociedade em decorrência da convergência das mídias. Para o autor, é a cooperação entre os múltiplos mercados midiáticos, os suportes das respectivas mídias e o comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicações que forma a cultura da convergência.